

EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL EM THEODOR ADORNO

Silmara Karine Mendes dos Santos¹

Fábio Libório Rocha²

RESUMO: Neste trabalho abordaremos como podemos nos emancipar intelectualmente, levando em consideração a perspectiva de Theodor Adorno, que põe o que ele chama de “indústria cultural”, como a verdadeira aniquiladora de nossa individualidade, uma vez, que essa interfere em nossas vidas, manipulando-nos e nos impedindo de uma formação intelectual, nos dando a impressão de que somos autônomos e possuímos livre escolha, quando na verdade estamos nos afundando na pior espécie de barbárie. Adorno propõe uma educação para a contradição e para a resistência, o que significa dizer que a imposição do indivíduo enquanto ser autônomo, não o deixa refém de certas situações postas pelo sistema capitalista.

Palavras –chaves: Esclarecimento; Educação e Emancipação

ABSTRACT: In this work we discuss how we can emancipate intellectually, taking into account the perspective of Theodor Adorno, which highlights what he calls "cultural industry", as the true annihilating of our individuality, once again, that this interferes in our lives, manipulating us and preventing us from an intellectual formation, in giving the impression that we are autonomous and we have free choice, when in fact we are sinking in the worst kind of barbarity. Adorno proposes an education to the contradiction and to resistance, which means to say that the imposition of the individual while be autonomous, not the leaves hostage to certain situations put by the capitalist system.³

Words -keys: Clarification; education and emancipation.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como foco principal mostrar como se poderia chegar a uma emancipação intelectual, a partir da perspectiva educacional lançada por Theodor Ludwig W. Adorno, em que será possível por meio de suas reflexões compreendermos como e o que este considera “emancipação intelectual”, para tanto, partiremos de alguns conceitos postos pelo autor que se tornam de suma importância para alcançarmos tal compreensão, como por exemplo: “esclarecimento” e “indústria cultural” abordados na obra Dialética do

¹Mestranda em Filosofia - Universidade Federal do Piauí– UFPI. E-mail: silmarakarine@live.com

²Pós-doutor em Psicologia Clínica e Cultura – Universidade de Brasília – UNB. E-mail: liborio.fabio@gmail.com

Esclarecimento e “barbárie”, que embora já utilizado em *Dialética do Esclarecimento*, seu uso é percebido com maior clareza na conversa com Hellmut Becker, intitulada “Educação e Emancipação”.

No livro *Dialética do Esclarecimento*, cujo Adorno escreveu com Max Horkheimer expoente da Escola de Frankfurt, da qual fazia parte, é feita uma crítica à sociedade capitalista, onde o homem se utiliza de seu entendimento, ou seja, do esclarecimento que é uma forma refletida de agir, apenas para a dominação da natureza e de outros homens, levando a sociedade a pensar de forma manipulada e sem consciência crítica, uma vez, que seu poder de reflexão estará direcionado apenas para a técnica que contribui para a chamada “Indústria Cultural”, termo utilizado por Adorno para mostrar como a sociedade vira “marionete” nas mãos da classe dominante, que se utilizando dos meios de comunicação de massa para lançar ideologias, atingem todos sem que ao menos percebam. Já em *Educação e Emancipação*, Adorno irá explicar como poderíamos alcançar por intermédio da educação um pensamento autônomo, capaz de evitar o que ele chamará de barbárie, termo que este utiliza com frequência para se dirigir ao “caos” que poderá ser gerado, caso o homem não faça uso de sua capacidade reflexiva para finalidades humanas.⁴

As finalidades humanas se constituem em uma espécie de bem comum, que só pode ser alcançado mediante ao uso de nosso esclarecimento, alcançado a partir de uma autonomia intelectual, que não se dá através de um mergulho profundo no terreno da técnica, mas sim com o bom uso de nossa razão, que deve imperar, sobretudo, observando todos os macetes da indústria cultural, não nos deixando guiar totalmente por esta, o que gera um aniquilamento de nossa individualidade. A educação é a alternativa dada para Adorno para nos emanciparmos enquanto indivíduos, mas a mesma deve contrariar a barbárie, toda vez que essa tiver por objetivo nos afogar em um caos. O que Adorno quer nos mostrar não é a passividade diante de situações extremas, ou eliminar o progresso social, mas sim nos mostrar como não chegar nessas situações e como progredir socialmente sem perdemos, talvez, o que temos de mais nobre que é a nossa autonomia intelectual que está em risco pelo mal-uso de nosso esclarecimento. A dialética da qual Adorno e Horkheimer se

dirige e que titula a obra de ambos, é justamente a oposição existente dentro do Esclarecimento- progresso e autodestruição.

A MISTIFICAÇÃO DO ESCLARECIMENTO

O século XVIII, o chamado “século das luzes”, o iluminismo é um marco da História Ocidental, por ser considerado como um momento decisivo para o homem, pois este aprende a se utilizar de sua capacidade racional e abandona todos os preceitos vindos da tradição medieval. Assim, para Adorno o modo como a razão floresceu nesta época foi simplesmente o início de um percurso que se dá até os dias de hoje, como forma de dominação do homem sobre a natureza, daí provém sua forma mais ampla de lidar com o que vem a ser Esclarecimento, que é visto por Adorno, não somente de forma positiva, mas como meio, pelo qual, o homem se utiliza de seu entendimento, para retornar ao mesmo estado que se encontrava antes de perceber a força de seu saber e onde fundamentava e responsabilizava toda forma de conhecimento somente a natureza, o chamado conhecimento mítico.

O próprio mito que cercava as formas de conhecer do homem primitivo, já era fruto do esclarecimento que este tinha, mas que transportava a natureza, pelo receio e desamparo em um mundo onde não se tinha como explicar a sua própria existência, mas aos poucos o homem vai evoluindo intelectualmente e se deparando com sua capacidade racional de forma que acaba percebendo esta como detentora de um poder capaz de transformar sua própria realidade, só que tal florescimento da razão, segundo Adorno levou a humanidade a desmitifica a natureza e mistificou o esclarecimento que se tornou delimitado a perceber a natureza simplesmente como detentora de recursos capazes de gerar capital.

Na obra Dialética do Esclarecimento, diz que: "no progresso do conhecimento, o esclarecimento sempre teve como objetivo livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores" (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 19). Nos primórdios da civilização, o esclarecimento queria substituir o mito e impor o saber, só que em vez dessa substituição provocar resultados positivos para a humanidade, tirando-os do conhecimento gerado pela imaginação, trouxe resultados que colocara em risco a própria racionalidade do homem, que

só caminha na busca do poder, voltando a um estado de irracionalidade, pois o homem só se utiliza da razão para gerar técnicas e produzir negócios, dos quais já se tornou dependente.

Adorno cita Bacon para dizer que este entendeu muito bem o propósito da ciência que viria depois dele, pois segundo Adorno para Bacon o entendimento que vence a superstição deve “imperar sobre a natureza desencantada” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 20) e é justamente isto que acontece quando o homem se utiliza da técnica que é consequência de seu entendimento (saber), apenas para a dominação do outro e da própria natureza, com vista em apenas um objetivo: o poder que pode ser alcançado com o capital ganho a partir da escravização de outros homens. Portanto, o esclarecimento que deveria gerar uma autoconsciência no indivíduo, quando relacionado ao poder, como fez Bacon passa a não desempenhar mais sua função de forma satisfatória, na medida em que este é utilizado pelos homens não para conhecer a “verdade”, mas sim com finalidade apenas de manutenção do poder. Diz Adorno:

O que os homens querem é aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e os homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Adorno, diz que o mito enquanto produto do próprio esclarecimento foi invertido, antes a subjetividade do homem era transferida para a natureza, agora o homem passa a se reconhecer enquanto tal e a dominar a natureza, pois como diz Adorno: "destruída as distinções, o mundo é submetido ao domínio dos homens" (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 23). Esse despertar do homem, que coloca de lado o mito, para o saber que domina e transforma a natureza em "presa" para o alcance econômico, pôs em risco o esclarecimento que ver agora a natureza como objeto de domínio e não mais como explicação para o mundo. O homem agora está submetido somente aos benefícios que esta pode trazer, benefícios estes que se não soubermos utilizar para o progresso, teremos como consequência a alienação, devido, o homem se transformar em um mero instrumento daquilo mesmo que estar a dominar. Para isso Adorno diz:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 40).

Isto porque o homem perde toda sua subjetividade, pois vira mercadoria, com isso seu comportamento, modo de agir é moldado por aqueles que detêm o poder, e tudo isso é visto pelos homens como algo "normal" e mais "racional" possível, o que deixa de ser na medida em que vira dependência e perda de autonomia intelectual, pois a autoconsciência, já não existe mais, ou seja, a racionalidade está focada somente na obtenção de capital e acaba por ser massacrada pela ideologia da indústria cultural.

A INDÚSTRIA CULTURAL E A PERCA DE SUBJETIVIDADE DO HOMEM

Cultura, em um de seus significados no dicionário Aurélio significa: O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc. e de fato este é o conceito mais utilizado pelo senso comum, no entanto, Adorno abordará este conceito de forma diferente, o complementando com o termo "indústria". Com a finalidade de nos mostrar como a cultura que temos hoje, está voltada simplesmente a um único objetivo que é o de atender a um sistema denominado Capitalismo, em que a técnica irá imperar e se sobrepor a consciência dos indivíduos, que perderão sua subjetividade. Para Adorno, o cinema, o rádio e as revistas que são meios de comunicação, constituem um sistema, para que os grandes empresários os utilizem para a divulgação de seus produtos e ideologias, de forma, a alcançar a grande massa da população e não temem de nenhuma forma de mostrarem seu poder de dominação, ou seja, seus objetivos são mostrados da forma mais nítida possível. Neste sistema cada setor é coerente a si mesmo e todos são em conjunto, o que Adorno irá chamar de Indústria Cultural. Adorno utiliza este termo para mostrar que a cultura que temos hoje advém justamente do modo como a técnica, à indústria impera em nossas vidas, moldando nossos modos de pensar, agir e consequentemente viver.

Pois a palavra cultura possui uma significação direcionada aos hábitos criados e vividos por pessoas de uma determinada sociedade, é o que caracteriza essas pessoas,

portanto, agora o modo como conduzem sua razão. A indústria cultural cerca uma grande quantidade de pessoas que se torna necessária a perpetuação de métodos de reprodução para que sejam supridas as necessidades criadas nas pessoas por ela mesma e estas recebem e consomem tudo isto sem nenhum tipo de resistência, de qualquer tipo que seja. O que faz com que a sociedade caminhe de forma alienada e guiada apenas pelo desejo da satisfação, sem ao menos perceber que esse desejo incessante foi instigado, manipulado pelos meios de comunicação e que isto se constitui no uso da técnica pelos economicamente mais fortes para a dominação da sociedade como um todo. Diz Adorno,

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114).

A alienação, portanto, provém da técnica que é utilizada pelos grandes empresários para dominar a população, tanto de classes mais elevadas, quanto das mais baixas, o que constitui a função da mesma na economia atual. Segundo Adorno, os produtos produzidos através da indústria cultural são produzidos visando à diferenciação de classes existentes, portanto, as distinções relativas ao que se é produzido são acentuadas e difundidas, fazendo com que todos desfrutem dos produtos, mas de acordo com seu nível econômico (level) o que permite ainda mais a permuta da Indústria Cultural. Adorno cita o exemplo do cinema para mostrar como a autoconsciência das pessoas é perdida, pois este entretenimento se torna tão inconfundível com as cenas do cotidiano, fazendo com que o espectador não encontre nenhuma distinção entre a realidade do filme e a sua realidade, isto porque a técnica se adequa cada vez mais a provocar a ilusão nos homens de que sua realidade é semelhante aquele filme assistido, o que faz com que a imaginação e a espontaneidade do consumidor se atrofie, ou seja, o homem racional parece não ter mais racionalidade e passa a ser um mero objeto de controle da ordem vigente, dos economicamente mais forte, em cima, dos que se deixaram levar pelos feitiços da Indústria Cultural e pelos meios propositadamente posto por ela, seja em qual for o produto, como forma de chamar a atenção do espectador, os tornando adestrados. Segundo Adorno,

Quem está tão absorvido pelo universo do filme – pelos gestos, imagens e palavras-, que não precisa lhe acrescentar aquilo que fez dele um universo, não precisa necessariamente estar inteiramente dominada no momento da exibição pelos efeitos particulares dessa maquinaria. Os outros filmes e produtos culturais que deve obrigatoriamente conhecer tornaram-no tão familiarizado com os desempenhos exigidos da atenção, que estes têm lugar automaticamente. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 119).

A linguagem é também um elemento que se modifica, quando se trata de manipulação social, pois são utilizados jargões pelos astros, os quais fazem isso com muita naturalidade para que a tensão entre a obra produzida e a vida cotidiana seja cada vez mais reduzida e isto é feito através do aperfeiçoamento da técnica que é programada propositadamente em filmes, músicas, propagandas, entre outros, sempre com a finalidade de atingir as mais diversas camadas da sociedade. Em Adorno a Indústria Cultural ainda é considerada a indústria da diversão, pois seus inúmeros produtos trazem uma satisfação de prazer que sempre está associada às pessoas como uma necessidade em suas vidas, ao mesmo tempo, em que é uma fuga para quem já está cansado do trabalho mecanizado, pois a mecanização exerce tanto controle sobre estas, que as mesmas sentem a necessidade de fuga do mesmo, só o que o prazer trazido por todos estes produtos é algo ilusório e culpado pela manipulação das consciências alheias, pois já que o que se têm é uma vida cansativa e estressante, as pessoas desejam apenas algo que não participe desse estresse trazido pelo trabalho. É o caso de alguém que vai ao cinema para acabar com stress, mas o que encontra ali são cenas no filme que retratam de certa forma seu cotidiano e estas acreditam mesmo vendo estas cenas que estão em seu momento de prazer, quando na verdade estão dando crédito a Indústria Cultural de continuar com sua função, de fazer com que as pessoas aceitem que de fato a vida é estressante e é apenas adquirindo, consumindo os produtos da Indústria Cultural que estão fugindo do controle do trabalho mecanizado, quando na verdade os filmes só traduzem suas vidas e fazem com que estas permaneçam iguais. Adorno afirma,

A fuga do cotidiano, que a indústria cultural promete em todos os seus ramos, se passa do mesmo modo que o rapto da moça numa folha humorística norte-americana: é o próprio pai que está segurando a escada no escuro. A indústria cultural volta a oferecer como paraíso o mesmo cotidiano. Tanto o escape quanto o desenvolvimento estão de antemão destinados a reconduzir ao ponto de partida. A

diversão favorece a resignação, que nela quer se esquecer. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 133).

O que se pode perceber é que a Indústria Cultural aniquila de certa forma a consciência das pessoas, fazendo com que todos liguem sua vida, seu lazer simplesmente ao que a Indústria Cultural lhes impõe, pois tudo é calculado de tal forma que o sistema sempre tenha permanência sobre todos através de seus clichês ideológicos da cultura. A Junção entre a cultura e o entretenimento, tornou-se espiritualizada nas pessoas, de forma que estas acabam por associar os produtos da indústria cultural como algo de diversão. A diversão é vista como forma de esquecer o sofrimento até que ela apareça, mas isso se torna imperceptível pelas pessoas que já não se manifestam subjetivamente, não possuem mais opinião, a não ser aquela forçada pela Indústria Cultural. Assim diz Adorno,

Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. O descaramento da pergunta retórica: “Mas o que é que as pessoas querem?” consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostuma-las da subjetividade. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, pág. 135).

O indivíduo se nadifica, para Adorno, na medida em que ao mesmo tempo em que ele, por exemplo, assisti a um filme e consegue se enxergar naquela cena, existem elementos que o irão torná-lo distante daquilo. Mostrando-o que na vida existe sempre uma separação e que nem todos somos iguais, ao ponto de que mesmo que exista uma probabilidade de sermos aquilo que o filme vem a mostrar, esta probabilidade é tão minúscula que é melhor continuarmos mesmo sendo o que somos e faz com que o espectador volte novamente a sua realidade. Adorno diz,

Outrora, o espectador via no filme, no casamento representado no filme o seu próprio casamento. Agora os felizardos exibidos na tela são exemplares pertencendo ao mesmo gênero a que pertence cada pessoa no público, mas esta igualdade implica a separação insuperável dos elementos humanos. A semelhança perfeita é a diferença absoluta. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 136.).

Desta forma, a ideologia trazida pela Indústria Cultural, forma um homem irracional, mero objeto de manipulação da classe dominante, pois nesta tudo é negócio e o ser humano, só possui importância na medida em que contribui para o fortalecimento do sistema capitalista, ou seja, na medida em que consome e produz meios cada vez mais eficazes para que o sistema se mantenha firme. As consciências mutiladas pela ideologia transmitida pelos meios de comunicação de massa, já não conseguem pensar de forma reflexiva e muito menos notar que estão contribuindo a cada dia para barbárie, mesmo com toda capacidade intelectual que possuem e que a dependência do falso prazer trazido pela indústria cultural, é simplesmente uma propagação de sofrimento, e uma forma do sistema capitalista não entrar em colapso, mas por a sociedade em colapso intelectual, acreditando estar tudo muito belo.

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Adorno, em conversa com Hellmut Becker, começa a trabalhar a Educação e Emancipação, a partir do conceito de Esclarecimento, posto por Kant, em seu ensaio intitulado “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?”. Partindo dessa resposta, Adorno irá desenvolver sua reflexão sobre o que é uma autonomia intelectual. Em Kant, o termo “esclarecimento” ou “ilustração” é a saída dos homens de sua “menoridade intelectual”, ou seja, é o processo pelo qual o homem deve se reconhecer como detentor de uma capacidade reflexiva, que o transforma em alguém autônomo, capaz de pensar por si próprio, sem que o outro seja o responsável por tal pensar. A menoridade se refere justamente ao comodismo que o homem se atém diante das situações, onde não se dá ao trabalho crítico, por já ter outros que o façam, deixando seu poder de entendimento de lado para apenas acompanhar o que o outro faz.

Em Adorno, o termo “esclarecimento” é visto de forma crítica, pois se constitui exatamente no elemento principal que produz a barbárie, devido, um mau uso do mesmo, ou melhor, o uso da razão se direciona simplesmente aos feitos da indústria cultural, assumindo, portanto, um significado paradoxal, pois o esclarecimento ao mesmo tempo em

que é indispensável para o avanço social, é o mesmo responsável pelas condições manipulativas de consciência que temos hoje. O papel educacional proposto por Adorno é de chegar a uma emancipação intelectual, a partir do combate a barbárie, que é produto do esclarecimento, utilizado de forma negativa e este é um problema que atinge todo o mundo, para tanto, o conceito de autoridade se torna importante já que ao responder ao questionamento de Becker, sobre a autonomia e autoridade Adorno discorrerá sobre o assunto.

Segundo Adorno, existem abusos, em relação ao conceito de autoridade. Ele explica que o conceito de autoridade, depende do contexto social ao qual se coloca, não podendo se tornar restrito somente a própria realidade social, apesar de ser um conceito essencialmente psicossocial, pois existe uma autoridade também chamada técnica, que não pode ser esquecida e que é justamente o entendimento de um assunto por um indivíduo de forma mais apurada do que o outro. A autoridade é vista por ele como um fator de socialização na primeira infância, onde a criança aprende a lidar com a agressão que a desenvolve, através da autoridade, mas esta via segundo Adorno, pode gerar pontos de confluência entre as categorias sociais, pedagógicas e psicológicas, e explica que se não nos tornamos autônomos e conseqüente emancipados, pela via psicológica, nos voltando contra a autoridade, pois esta também é necessária no desenvolvimento de tal processo e concorda com Freud, ao dizer que:

É o processo---- que Freud denominou como o desenvolvimento normal---- pelo qual as crianças em geral se identificam com a figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por um processo sempre muito doloroso e marcante, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao eu ideal que aprenderam dele, libertando-se assim do mesmo e tornando-se, precisamente por essa via, pessoas emancipadas. (ADORNO, 1995, pag. 177).

É justamente neste ponto que a autoridade se torna relevante, pois apesar de interiorizar a figura paterna, ocorre o desfalecimento da mesma na fase adulta, fazendo com que o indivíduo passe a construir o seu eu, se tornando emancipado. Outro aspecto que Adorno aponta da menoridade, é o que está entrelaçado no conceito de identificação, que segundo ele remete a alguns problemas, como o conceito de função e papel, que faz com que o indivíduo, enquanto indivíduo assuma um destes sem ser o que eles são propriamente, ou

seja, estes conceitos derivados do teatro prolongam a não identidade dos seres humanos consigo mesmos, fazendo com que estes continuem na menoridade. Diz Adorno,

E precisamente, porque não conseguem realizar a identificação, porque há inúmeros adultos que no fundo apenas representam um ser adulto que nunca conseguiram ser totalmente, e assim possivelmente precisam sobre-representar sua identificação com tais modelos, exagerar, encher o peito, bravejar com voz adulta, só para dar credibilidade frente aos outros ao papel mal-sucedido para eles próprios. Creio que justamente esse mecanismo gerador da menoridade também pode ser encontrado entre certos intelectuais. (ADORNO, 1995, p. 179).

Adorno concorda com Becker e diz que é um momento significativo, quando este fala da formação profissional, que de certo modo contribui para a menoridade, porque não é transmitido um comportamento autônomo, devido, as pessoas ficarem submetidas à mecanização de uma determinada função (trabalho) e não possuírem outro horizonte de orientação que se torna necessário. Becker afirma que,

Esta combinação entre preparação imediata e horizonte de orientação é algo que na prática ainda falta a toda nossa formação profissional e que eu considero tão importante porque, num mundo como o nosso, o apelo à emancipação pode ser uma espécie de disfarce da manutenção geral de um estado de menoridade, e porque é muito importante traduzir a possibilidade de emancipação em situações formativas concretas. (ADORNO, 1995, p. 180).

Adorno, diz que a emancipação dever ser acompanhada de certa firmeza do eu, mas que devido às inúmeras mudanças ocorridas no mundo que nos encontramos isto se torna um problema, pois o eu se enfraquece na medida em que se adequa a estas, o que segundo ele podemos relacionar com os fenômenos da fraqueza do eu conhecido pela psicologia, esta questão da adaptação fica em aberto, para ele uma vez que se adaptando a mudanças as pessoas não se tornam sólidas, ou seja, não se fixam apenas a um papel ou função, ou não são emancipadas, na medida em que se tornam vulneráveis a mudanças e concorda com Becker, quando este diz que o mesmo processo que torna possível a maioridade pela emancipação, é o mesmo que põe em riscos o resultado da mesma.

Para Adorno, o ponto crítico da discussão é justamente, o seguinte: indivíduo, não deve se ater a um só papel, como é posto na formação profissional e nem muito menos se tornar vulnerável a mudanças, enfraquecendo o seu, mas para tratar de tal problemática

Adorno se atém a Kant, e diz que o mesmo ao dizer que vivemos em uma “época de esclarecimento”, determina a emancipação como algo que é um vir-a-ser e não um ser, o que significa dizer que a emancipação não é estática e sim está sempre se adaptando a transformações. Segundo Adorno,

Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planificado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural. (ADORNO, 1995, p.181).

Portanto, a emancipação impõe enormes dificuldades para se concretizar em um mundo onde a organização social, já diz como o indivíduo deve se comportar diante das situações, ela o determina. Adorno, afirma que o problema da emancipação hoje é sabermos quem somos, mas que ainda pode ser superado, basta que a educação que temos hoje seja realizada para a contradição e resistência, ou seja, se torna necessário que nas escolas, os educadores, mostrem a seus alunos os elementos que contribuem para a falsa opinião, fazendo com que estes as eliminem e aprendam a ter consciência crítica, pois a educação para emancipação é a educação que faz com que o indivíduo, tenha sua autoconsciência, passe a pensar por si próprio, não se deixando iludir pelos elementos infecciosos da indústria cultural, postos pelo capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da análise da filosofia de Adorno, podemos concluir que a educação para o mesmo deve desempenhar um papel emancipador nos indivíduos, ou seja, deve ser instigado nestes, sua capacidade reflexiva, pois a Educação na sociedade atual, parece ter perdido esse caráter, uma vez, que o sistema capitalista, interfere de forma direta na vida de cada uma, moldando-as desde de seu modo de pensar a forma de se vestir, através de sua ideologia. Isso ocorre justamente porque a “indústria cultural” com suas alegorias consegue atrofiar a racionalidade, no que diz respeito à capacidade crítica, dirigindo-a somente, para a manutenção do sistema, onde os que controlam a técnica, economicamente mais ricos,

passam a dominar os economicamente pobres e estes são os principais alvos da “indústria cultural”, pois enquanto uns estão preocupados com o poder, os outros estão em manter uma “vida digna”, a partir do trabalho mecanizado, mesmo que para isso ponham em risco seu “eu”, ou melhor, dizendo, estes perdem sua subjetividade e nem percebem isso.

Porque a ideologia da classe dominante se torna cada vez mais forte e é inculcada nos indivíduos, pelos meios de comunicação de massa, de forma que estes a percebem como uma necessidade, da qual não conseguem mais se desvincular, tornando e mostrando o lado obscuro do esclarecimento que deveria servir ao homem para progredir juntamente com a sociedade, combatendo quaisquer imposições contrárias a finalidade humana, no entanto, ele ao lado dos avanços, que não podemos negar, leva à humanidade a barbárie. O homem, portanto, vai perdendo sua autonomia intelectual e se tornando “coisa”, fácil de manipular, não produz mais nada, além do que lhe é necessário para sua sobrevivência no sistema capitalista, pois se não acompanhá-lo acabará que por se nadificar mais ainda. A educação emancipatória, deve segundo Adorno, combater a barbárie, que é justamente o comodismo intelectual, sua pacificidade, diante de situações absurdas, é uma educação onde conseguimos perceber os elementos que provoca o atrofiamento da consciência crítica, desde um filme assistido, a uma programação que se passa no rádio, pois tudo isso contém os “vermes” da indústria cultural. A educação para a autonomia intelectual, não é uma regra, é uma reflexão posta por Adorno que têm como finalidade, apenas a reflexão e o resgate do esclarecimento que se mistificou novamente pelos benefícios trazidos com a exploração da natureza, e dos homens de poderio econômico fraco. Portanto, é uma reflexão relevante e que de fato deve ser observada para que juntos percebamos as falhas de nossos sistemas educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução, Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**; Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.



ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos**; Tradução, Maria Helena Huschel. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.